

# POLÍTICA ECONÔMICA

Banco Central usa R\$ 4 bilhões para conter alta do dólar. Especialistas acreditam que governo iniciou nova fase na administração da cotação da moeda norte-americana, colocando a livre flutuação de lado momentaneamente

# Pressão no mercado

Ugo Braga

Da equipe do Correio

Enquanto o governo era pressionado politicamente nas ruas pela marcha contra o apagão, o Banco Central era pressionado pelo mercado ontem. Por isso, inaugurou uma nova fase da economia brasileira. A partir de agora, o preço da moeda estrangeira, medido pela taxa de câmbio, não vai mais subir e descer exclusivamente pelas operações do mercado financeiro — compras e vendas de dólares entre bancos, corretoras de valores, exportadores e importadores — como vinha acontecendo desde janeiro de 1999. O BC vai ajudá-los a encontrar o preço justo, seja vendendo títulos públicos ou mesmo dólares de suas reservas. Espera-se variações menores daqui para frente.

“Acho que entramos na fase do que podemos chamar de câmbio administrado”, diz o economista Renê Garcia Júnior, chefe do Centro de Projetos Especiais da Fundação Getúlio Vargas. “É algo bom, uma intervenção saneadora”, completa. Foi o que aconteceu nos últimos dois dias. Na terça-feira, o Banco Central (BC) só assistiu os bancos tomarem conta da taxa de câmbio. Era um teste. Queria saber se, sem intervenção, levariam novamente o preço da moeda estrangeira para cima. Os bancos, por seu lado, testaram o BC. Queriam saber se, com a taxa subindo, haveria intervenção. No fim das contas, a cotação do dólar pulou de R\$ 2,30 para R\$ 2,32.

Ficou claro que a onda de especulação estava viva. Assim, o presidente do BC, Armínio Fraga, determinou que o banco usasse artilharia pesada para baixar a taxa de câmbio. Não é algo que ele tenha feito antes desde que tomou posse, em março de 1999. Na batalha de ontem, o mercado começou a funcionar às 9h30 e, duas horas depois, os bancos já haviam empurrado o câmbio de R\$ 2,32 para R\$ 2,34. Precisamente às 11h20, o BC anunciou que faria um leilão para vender R\$ 1 bilhão em títulos públicos cambiais, algo que, para os bancos, vale a mesma coisa que o dólar. A tática é inundar o mercado com uma mercadoria que está escassa para elevar a oferta e baixar seu preço.

Com o primeiro “tiro”, a taxa voltou para R\$ 2,32. Bastou meia hora para subir novamente a R\$ 2,33. Como não baixava, no início da tarde, pouco depois das

14h, o Banco Central vendeu dólares de suas reservas: US\$ 250 milhões, segundo estimativas de operadores do mercado. Este segundo “tiro” baixou o preço do dólar para R\$ 2,30, mas só até às 15h30. A partir daí, começou a subir e atingiu R\$ 2,33 às 16h. Oito minutos depois, o BC anunciou um novo leilão de títulos cambiais, desta vez R\$ 3 bilhões. Foi o tiro de misericórdia. A taxa finalmente cedeu. Fechou a R\$ 2,305, com baixa de 0,95%.

O novo comportamento do Banco Central no mercado de câmbio não foi decidido oficialmente. Não houve reunião de diretores para adotá-lo. Trata-se de algo nascido da sensibilidade do presidente Armínio Fraga, que detectou um desequilíbrio no balanço de pagamentos do

Brasil, responsável pela ciranda em que a taxa de câmbio havia se transformado.

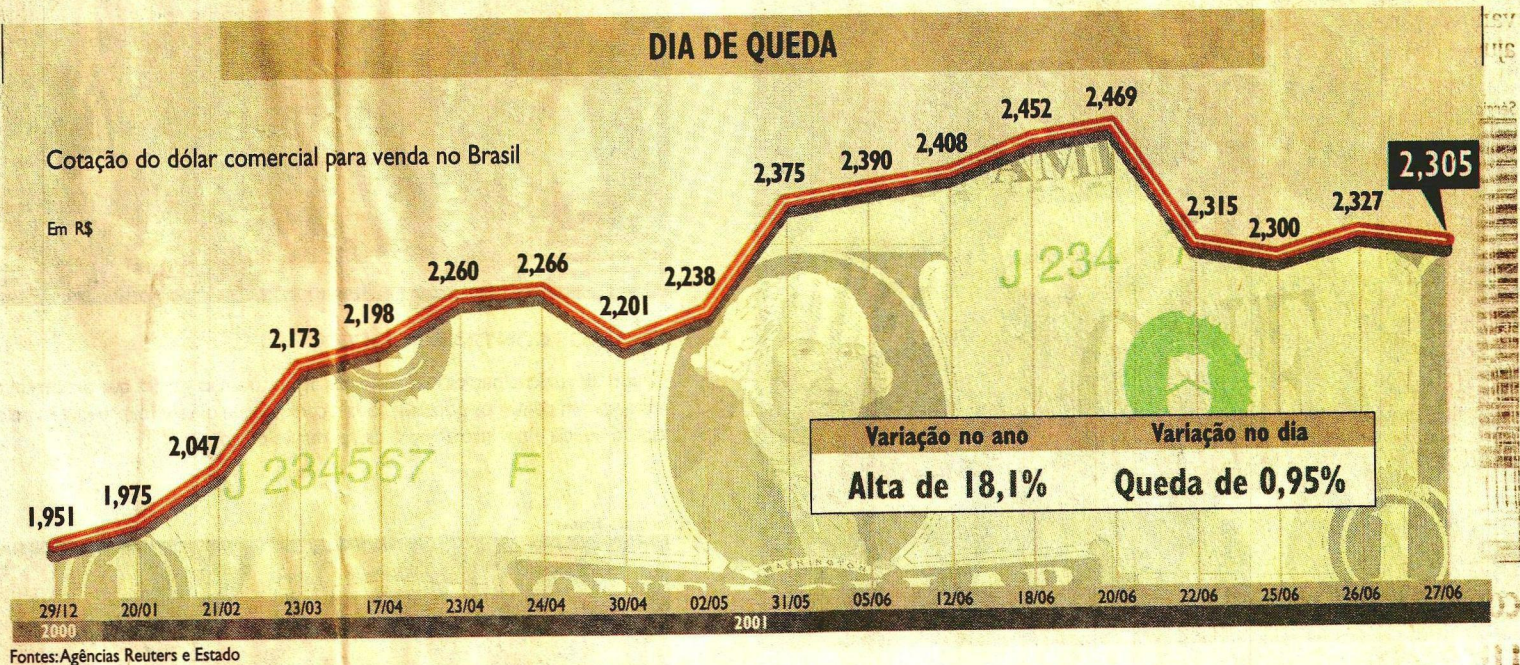
Esse desequilíbrio tem pai e mãe. Nasceu do casamento entre a crise financeira da Argentina e o racionamento de energia elétrica. Ambos afastaram investidores internacionais

do Brasil. “O país deixará de receber entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões neste ano”, calcula o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, atualmente sócio-diretor da Tendências Consultoria.

## BUSCA DE DÓLARES

Corre que o país vai receber menos dólares do exterior. Mas vai gastar mais para pagar dívidas, juros, bens e serviços importados. A lógica do mercado financeiro reza que, até dezembro, o país terá que ir buscar dólares em algum lugar para pagar esses compromissos no exterior. Por isso, os bancos tratam de se abastecer agora com a moeda norte-americana barata, para vendê-la lá na frente, mais cara. Pura especulação. Com esse tipo de procedimento, criou-se um ambiente em que a taxa de câmbio subia porque estava alta, indefinidamente.

Marcílio Marques Moreira, ex-ministro da Economia, hoje consultor da corretora norte-americana Merryll Lynch no Brasil, acha que o comportamento do Banco Central mudou, mas aposta que é transitório. “O mercado havia criado um mecanismo de auto-alimentação, uma espécie de espiral. O Armínio quer só acabar com isso, depois volta ao normal”, prevê.



Scott Applewhite/AP 15.5.01



GREENSPAN: PRESIDENTE DO FED CONTINUA ATENTO AO REAJUSTE DE PREÇOS, QUE ESTÁ MAIS FORTE ESTE ANO